

FILHOS ESPECIAIS MEUS E DE DEUS

Nancy Jo Sullivan

Em uma manhã quente de julho, acordei com o barulho de - um ventilador quebrado, soprando ar úmido em meu rosto.

Isso me fez pensar sobre todas as outras coisas que haviam "quebrado" em minha vida.

Cuidar de uma filha com síndrome de Down apresenta desafios únicos. Embora a cirurgia cardíaca de Sarah e muitas outras infecções graves tivessem passado, enfrentávamos agora contas de hospital catastróficas. Além de tudo isso, o emprego de meu marido seria eliminado dentro de semanas e a perda de nossa casa parecia inevitável.

Ao fechar os olhos para fazer uma oração matutina, senti urna mãozinha puxar meu braço. – Mamãe, – disse Sarah, – Eu me a-r-ru-m-e-i para a escola bí-bli-ca de fé-fé-ri-as sozinha!

Junto à cama estava minha filha Sarah, de cinco anos, com os olhos brilhando através de lentes grossas, numa armação cor-de-rosa. Radiante e orgulhosa, ela virou as duas mãos para cima e exclamou, – Fiz tudo!

Notei que seus shorts vermelho-axadrezados estavam de trás para diante, com o cordão de fechar enfiada de lado na cintura. Na frente de um top verde, novo, também de trás para diante a etiqueta de preço continuava pendurada, ela escolhera meias verde e vermelha, uma de cada cor, para usar com o conjunto. Os tênis estavam nos pés errados e pusera na cabeça um boné de beisebol com o visor e o emblema contrário.

– Ar-r-anj-ei também a mochila, – gaguejou ela, enquanto eu abria o zíper da sacola para ver o que havia lá dentro. Olhei curiosa para os tesouros que ela guardara tão cuidadosamente: cinco blocos de Lego, uma caixa fechada de clipes para papel, um garfo, uma boneca de pano nua, três peças de quebra-cabeça e um lençol para berço tirado do armário de roupas de cama. Levantei delicadamente seu queixo até que nossos olhos se encontraram e disse devagar:

– Você está linda!

– O-bri-ga-da”, – Sarah sorriu, enquanto começava a rodopiar como uma bailarina. Nesse momento o relógio da sala bateu oito horas, o que significava que eu tinha 45 minutos para preparar-me, além de vestir duas crianças pequenas e um bebê.

Enquanto os minutos da manhã se dissolviam em segundos urgentes, compreendi que não tinha tempo de mudar a roupa de Sarah.

Coloquei cada criança em sua cadeirinha no carro e tentei argumentar com minha filha. – Querida, acho que você não vai precisada sua mochila para a escola bíblica de férias. Por que não deixa que ela fique no carro comigo?

– Não. Pre-ci-so dela!

Cedi então, dizendo a mim mesma que a autoestima dela era mais importante do que o que as pessoas poderiam pensar de sua mochila cheia de coisas inúteis.

Quando chegamos à igreja, tentei recompor a roupa de Sarah com uma das mãos, enquanto segurava o bebê com a outra. Sarah, porém, afastou-se, lembrando-me das palavras que eu dissera pela

manhã:

– N-ã-o...eu es-tou li--n-d-a!

Ao ouvir nossa conversa, uma jovem professora se aproximou de nós.

– Você está linda! – disse ela à Sarah.

Depois pegou na mão dela e me disse:

–Você pode vir buscar Sarah às 11:30. Vamos tomar conta dela.

– Ao vê-las se afastarem, eu sabia que Sarah estava em boas mãos.

Enquanto Sarah ficava na escola, eu saí com as outras duas crianças para fazer algumas coisas necessárias. Meus pensamentos ficaram todo tempo tensos de ansiedade e orações desconjuntadas. Qual o futuro que nos espera? Como iríamos sustentar nossos três filhos pequenos? Perderíamos nossa casa? Essas perguntas específicas me fizeram imaginar se Deus nos amava.

Voltei à igreja alguns minutos adiantada. A porta para a capela cheia de sol estava aberta e pude ver as crianças sentadas lá dentro, em semicírculo, ouvindo uma história bíblica.

Sarah, de costas para mim, ainda agarrava as tiras de lona da mochila. O boné de beisebol, os shorts e a camisa continuavam ao contrário.

Ao observá-la à distância, senti pulsar em minhas veias uma enorme emoção. Um pensamento me veio à mente, uma frase simples: – Amo minha filha de todo coração.

A seguir, enquanto permanecia ali, ouvi aquela voz sussurrante e consoladora que compreendi ser de Deus: – E isso que sinto por você.

Fechei os olhos e imaginei o meu Criador olhando para mim lá do alto: minha vida tão semelhante ao traje de Sarah – de trás para diante, descombinada, confusa...

– Por que você está usando essa 'mochila' cheia de ansiedade, dúvida e medo? – eu podia imaginar Deus dizendo para mim. – Deixe que eu a carregue.

Senti que Deus não estava falando só para mim, mas a todos os que lutam com vidas que parecem de trás para diante, no avesso, e fora de controle. Todos queremos segurança financeira, ficar livres de doenças e imunes ao sofrimento inevitável que a vida nos traz. Mas, Deus nos chama para confiar em que tudo que precisamos será provido.

Nesses períodos vulneráveis de fraqueza é que devemos dar nossas mochilas cheias de insegurança Àquele que diz, "Você é precioso aos meus olhos e eu o amo" (Is 43:4).

Naquela noite, enquanto eu ligava novamente nosso ventilador defeituoso, agradei a Deus por dar-me o privilégio de ser mãe de Sarah. Por meio dela, compreendi que Deus se revelara a mim de uma forma toda nova.